



**PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTE NOVA**  
**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**  
**ESTADO DE MINAS GERAIS**

**Língua portuguesa – 9º Ano**

Essa crônica é muito conhecida e faz parte da Coletânea da Olimpíada de Língua Portuguesa. Aproveitando para trabalhar algumas questões de interpretação e discussão de alguns temas, como preconceito, família, valores...

A última crônica

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão.

Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer um flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu quereria o meu último poema”. Não sou poeta e Estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acentuar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno da mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do Bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho — um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de coca-cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno da mesa um pequeno ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a coca-cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: “parabéns pra você, parabéns pra você...”

Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura — ajeita-lhe a fitinha no cabelo, limpa o farelo de bolo que lhe cai no colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. De súbito, dá comigo a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido — vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu queria a minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

(Fernando Sabino. In: Para gostar de ler. São Paulo: Ática, 1979-1980.)

## INTERPRETAÇÃO

1. Identifique:

Foco narrativo:

Cenário:

Tempo:

Personagens principais:

2. Qual a profissão do narrador? Retire um trecho do texto que justifique sua resposta.

3. Ele conta que entrou no botequim para tomar um café. Mas qual era o real motivo?

4. Releia o trecho “Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade.”

a) Quem são esses “três esquivos”?

b) O que eles estão fazendo ali?

5. Observe o início do 2º parágrafo.

a) Que termo usado pelo narrador tem um tom pejorativo?

b) O casal senta-se no fundo do botequim. Qual seria o motivo?

6. No texto “A última crônica” há ideia de discriminação? De que tipo?

Escreva um comentário sobre seu ponto de vista.

7. Reescreva o trecho que mostra a pobreza das personagens.

8. Que sentimentos indicam o uso de diminutivos (arrumadinha, negrinha, menininha, fitinha) ao se referir à menina?

9. No desfecho, o que sente o narrador quando o pai sorri para ele?

10. Qual das alternativas melhor define o tema dessa crônica:

( ) Botequim não é lugar para festas de crianças.

( ) O preconceito racial e social.

( ) Uma família humilde, mas que não deixa a dura realidade da pobreza afetar o amor, o carinho familiar.

( ) As grandes dificuldades para se escrever uma crônica.



**PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTE NOVA**  
**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO - ESTADO DE MINAS GERAIS**  
**DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA      TURMA: 9º ANO**

\* **Leia o texto abaixo.**

**“Enquanto é maio”**

Durante quatro ou cinco meses por ano, o Rio é uma cidade desesperadamente infernal com o seu calor. E eis que de repente os termômetros se comportam e o céu azul e o ar se limpa e se purifica, o mar lava as suas ondas, as árvores pintam de luz o verde das suas folhas e tudo se adoça, dentro e fora dos seres humanos.

E me inquieto e quisera ser ubíqua e onipresente, pois não posso sair daqui, nem um minuto, e perder o Rio, nos seus dias de maio. E Petrópolis, ali, junto, está um delírio de beleza. Teresópolis, Friburgo, Penedo, Itatiaia, São Paulo, Caraguatatuba, Parati e Vila Bela não de estar igualmente esplendorosas. E que diremos de Salvador e Recife, quem sabe se até Brasília? Pois é maio em todas elas. O que sobremaneira nos inquieta, pois já não será possível festejar o acontecimento em todas essas latitudes.

E vos escrevo, vigiando a paisagem pelas janelas abertas, pois não sei se ficará muito tempo assim à minha espera. E tenho remorsos de ir ao cinema e teatro, pois é um privilégio assistir a tais espetáculos em maio, mas uma tristeza perder um minuto que seja de maio, do lado de fora deles.

E é mister reunir os amigos e amar mais do que nunca os bem-amados e agradecer – ah, não voz esqueçais – aos vossos deuses, não importa quais sejam, o breve, o precário, o maravilhoso privilégio de estardes vivos e sãos e alegres, em maio.

Elsie Lessa. “A Dama da Noite”, p. 164, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1963.



**INTERPRETANDO O TEXTO**

**Questão 1** O texto lido é:

- a) (    ) um conto
- b) (    ) uma crônica
- c) (    ) uma reportagem
- d) (    ) um artigo de opinião

**Questão 2** Quem escreve o texto, o faz predominantemente na **1ª pessoa**. Identifique uma passagem que comprove essa afirmação.

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Questão 3** No princípio do texto, a autora empregou o vocábulo “**desesperadamente**” para:

- a) ( ) explicar o sentido do adjetivo que caracteriza a cidade do Rio.
- b) ( ) criticar o sentido do adjetivo que caracteriza a cidade do Rio.
- c) ( ) intensificar o sentido do adjetivo que caracteriza a cidade do Rio.
- d) ( ) complementar o sentido do adjetivo que caracteriza a cidade do Rio.

**Questão 4** No segmento “[...] pois não sei se ficará muito tempo assim à minha espera.”, a que a escritora se refere?

- a) ( ) a todas essas latitudes
- b) ( ) à paisagem pelas janelas abertas
- c) ( ) ao cinema
- d) ( ) ao teatro

**Questão 5** Na parte “E tenho remorsos de ir ao cinema e teatro, pois é um privilégio assistir a tais espetáculos em maio [...]”, o termo “**pois**” indica:

- a) ( ) um fato que justifica o outro.
- b) ( ) um fato que se opõe a outro.
- c) ( ) um fato que se soma a outro.
- d) ( ) um fato que se alterna com outro.

**Questão 6** Em “[...] e agradecer – ah, não voz esqueçais – aos vossos deuses [...]”, a autora dialoga diretamente com o leitor para exprimir:

- a) ( ) um desejo
- b) ( ) um conselho
- c) ( ) uma ordem
- d) ( ) uma advertência

**Questão 7** Sublinhe os adjetivos que caracterizam, na visão da escritora, o privilégio de estar em maio:

“[...] o breve, o precário, o maravilhoso privilégio de estardes vivos e são e alegres, em maio.”

R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**Questão 8** Há linguagem com sentido figurado no trecho:

- a) ( ) “[...] as árvores pintam de luz o verde das suas folhas [...]”
- b) ( ) “E me inquieto e quisera ser ubíqua e onipresente [...]”
- c) ( ) “E que diremos de Salvador e Recife, quem sabe se até Brasília?”
- d) ( ) “E tenho remorsos de ir ao cinema e teatro [...]”

**Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não leem.**

***Bom trabalho!***

### ***MATEMÁTICA – 9º ANO***

- 1) Calcule a medida da hipotenusa de um triângulo retângulo sabendo-se que a soma de seus catetos medem 15 cm e 20 cm.
- 2) O perímetro de um quadrado é 20 cm. Calcule a medida da diagonal do quadrado.
- 3) Calcule a altura de um triângulo equilátero cujo lado mede 6 cm.
- 4) Em um triângulo retângulo cujos lados medem  $\sqrt{3}$  e  $\sqrt{4}$ . Calcule a hipotenusa.
- 5) Num triângulo retângulo, um dos catetos mede 5 cm e a hipotenusa 13 cm. Calcule a medida do outro cateto.